14/11/2019

CRÔNICA DE UMA MORTE ANUNCIADA

o desastre do modelo de mineração no Brasil

Ricardo Fernandes Gonçalves

[Doutor em Geografia. Prof. Univ. Est. Goiás. Pesquisador do Grupo PoEMAS - Política, Economia, Mineração, Ambiente e Sociedade]

O bar é um dos lugares de maior sociodiversidade em qualquer cidade ou país. Nele reúnem-se músicos, escritores, analfabetos, professores, roqueiros, sambistas, sindicalistas, ricos, pobres, ateus, religiosos, jovens, velhos, casais, amigos e, com frequência, bêbados e alcoólatras.

Foi um bar, *La Floridita,* em *La Habana Vieja*, Cuba, o lugar predileto do escritor Hemingway.

E Paulo Mendes Campos fez do bar tema exuberante em suas crônicas. Numa delas, *Por que bebemos tanto assim?* - Campos anunciou com convicção: "**o homem entra no bar para transcender-se - eis a miserável verdade**".

Pois bem, meu amigo Eguimar Chaveiro afirma que um dos sintomas de qualquer intelectual promissor é estar na mesa de bar conversando sobre Marx, Foucault, José Saramago, Clarice Lispector, Carlos Drummond de Andrade...

E, quanto mais se bebe, mais o superego repousa e as palavras, ideias e criatividades, tornam-se robustas.

Às vezes, da prosa no bar saem grandes pressupostos, capazes de sustentar defesas de teses de doutorado, assegura Chaveiro. Amiúde viajo ao Rio de Janeiro, cidade conhecida no Brasil e no mundo por seus tradicionais bares. São neles, nos bares, geralmente no bairro de Santa Teresa, entre os casarões da Lapa ou nas calçadas das ruas de Copacabana, que costumo reunir com amigas e amigos depois das atividades do Grupo PoEMAS [Política, Economia, Mineração, Ambiente e Sociedade], da rede Entremeio ou do Fórum Intersindical de Saúde do Trabalhador, coordenado pelo amigo e professor Fadel, a cada última 6ª feira do mês. Numa dessas reuniões em bares do Rio, ao lado de Fernando Soares, Fernanda Martins, Eguimar e Fadel, nosso diálogo tocou a literatura. E, com fluidez, depois de comentários engenhosos sobre *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa; e *O homem que amava os cachorros*, de Leonardo Padura; palmilhamos a obra de Gabriel Garcia Márquez. Mobilizado pelos rumos da conversa sobre a narrativa e o realismo mágico do escritor colombiano, Fadel lembrou-se do livro *Crônica de uma morte anunciada*. E, no instante de criatividade e empolgação, talvez de transcendência, me disse: "vamos escrever um texto sobre o desastre da mineração sucedido em Brumadinho (MG), com base no romance?" No primeiro momento evitei a possibilidade, por achá-la insólita.

Mas, ao retomá-la, Fadel explicou-me que a ideia era relermos o livro, selecionarmos trechos e relacioná-los de maneira metafórica com o que ocorreu em Brumadinho, também "crônica de uma tragédia anunciada", provocada pelo modelo de mineração predatório.

Essa conversa passou-se no final de fevereiro de 2019, um mês após o rompimento da Barragem I, da empresa Vale, no município de Brumadinho. No entanto, o texto em parceria não foi escrito, mas, a ideia manteve-se hospedada em minha lembrança. ..... Na véspera de completar nove meses do desastre da Vale, os jornalistas Lucas Ragazzi e Murilo Rocha lançaram o livro *Brumadinho: a engenharia de um crime.* Nesse livro, escrito com base nas investigações da Polícia Federal sobre o caso, os autores asseveram: em diferentes momentos dos anos de 2017 e 2018 a Vale foi prevenida por engenheiros especializados em barragens de rejeitos, que a estabilidade da Barragem I estava comprometida. A empresa olvidou as advertências. Portanto, conhecia os riscos antes de ocorrer o desastre que matou 270 pessoas - das quais 18 continuam desaparecidas (20/10/2019) - e promoveu a devastação socioambiental na bacia do rio Paraopeba. Tal fato aproxima-se da trama *Crônica de uma morte anunciada*, escrita por Garcia Márquez. Na narrativa, os habitantes de uma pequena cidade tornaram-se cúmplices do assassinato atroz do jovem Santiago Nasar. Vizinhos e conhecidos sabiam das ameaças e não alertaram a vítima e sua família. Ainda, viriam a ser assombrados pela culpa por não prevenirem o homicídio a céu aberto em praça pública. Com efeito, transcrevo alguns trechos do romance, seguidos de comentários e conexões com o desastre da Vale em Brumadinho. "*Pessoas sabiam que Santiago Nasar ia morrer e não se atreviam a tocá-lo*" (Márquez, 2010, p.135).

Em Brumadinho, pessoas poderosas na gestão da empresa foram informadas que a Barragem I apresentava estabilidade comprometida e riscos de rompimento.

Contudo, não se dedicaram a interromper as operações da mineradora. A prioridade por lucros vultosos descartou a vida das trabalhadoras e dos trabalhadores.

"*No dia em que o matariam, Santiago Nasar levantou-se às 5h30m da manhã... Tinha sonhado que atravessava um bosque de grandes figueiras onde caía uma chuva branda, e por um instante foi feliz no sonho*" (Márquez, 2010, p.135).

No dia 25 de janeiro de 2019, dia em que 270 pessoas morreriam insufladas de lama-rejeito de minério de ferro, quantos acordaram depois de uma noite de sonhos? Algum deles sonhou com árvores, pássaros ou chuvas nas serras mineiras? Quantos, talvez no sonho, quiçá na manhã, sorriram e, por algum momento, foram felizes? Alegrias miúdas, amores epopeicos e aventuras quixotescas foram sepultadas por toneladas de rejeitos. Nos dias seguintes, sob a chuva plácida de fim de janeiro, o trabalho dos bombeiros mostrou-se obstinado. Vasculharam a lama e identificaram dezenas de corpos, porém, jamais descobririam os sonhos triturados pela escória de minério. "*A última imagem que a mãe tinha dele era a de sua fugaz passagem pelo quarto. Acordara-a quando tentava encontrar, apalpando, uma aspirina no armário do banheiro; então ela acendeu a luz e o viu aparecer na porta com o copo de água na mão, como havia de recordá-lo para sempre*" (Márquez, 2010, p. 11).

continua

270 mortos não é apenas uma estatística. Cada pessoa tinha uma história, abrigava planos, irrigava esperanças, tinha pai, talvez filhos, mas, sobretudo, tinha mãe. E a dor das mães das filhas e filhos mortos é inominável.

No dia em que dezenas de pessoas sucumbiram na gravidade dos rejeitos de minério de ferro, as lágrimas de aflição das mães desabaram quantos oceanos? Naquele dia, quem sabe, muitas mães acordaram antes dos filhos, prepararam o café da manhã e os abençoaram com a oração do abraço e sorriso de despedida. Quando as mães souberam do desastre, foi da breve manhã a última imagem que recordariam para sempre. Em suma, 270 mulheres e homens mortos, gente com nome e mãe, não cabem nas narrativas. Todavia, vaticinaram a grave verdade: o desastre da Vale em Brumadinho é síntese dramática do modelo de mineração brasileiro - *crônica de uma morte anunciada*. .....

No início de fevereiro de 2019 estive em Brumadinho.

Na cidade toldada de tristeza e silêncio, lá estavam eles, os bares, contudo, varridos de pessoas e das conversas e alegrias que mobilizam. Como se vê, ainda que os bares sejam emblemas das cidades e dos países, lugares de encontros surpreendentes, eles podem estar vazios. Nem eles escapam da força de uma dor coletiva e de uma injustiça que teima em existir. ■■■

Citações e Referências

■ Campos, PM. **O amor acaba:** crônicas líricas e existenciais. São Paulo/SP: Companhia das Letras, 2013.

■ Rosa, G. **Grande sertão:** veredas. Rio de Janeiro/RJ: Nova Fronteira, 2015.

■ Márquez, GG. **Crônica de uma morte anunciada**. 41.ed. Rio de Janeiro/RJ: Editora Record, 2010.

■ Padura, L. O homem que amava os cachorros. 2.ed. São Paulo/SP: Boitempo, 2014.

■ Ragazzi, L.; Rocha, M. **Brumadinho:** a engenharia de um crime. Belo Horizonte/MG: Letramento, 2019.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.